



PENGUIN



CLÁSICOS

THOMAS MORE

UTOPIA



THOMAS MORE nasceu em Londres a 7 de fevereiro de 1477 ou 1478. Filho de um advogado, a sua formação começou na St. Anthony's School, uma das mais conceituadas escolas da capital inglesa, e foi colocado como pajem na casa de John Morton, chanceler do Reino e, mais tarde, arcebispo de Cantuária. Em 1492, More inscreveu-se em Oxford, onde estudou Direito, Grego e os pensadores clássicos, entre outros. Anos depois, regressaria a Londres para concluir a sua formação jurídica. Em 1505, casou-se com Joanna Colt; juntos, teriam quatro filhos. Defensor de uma educação igual para homens e mulheres, Thomas More deu aulas de música e literatura à mulher e proporcionou às três filhas uma formação semelhante à do filho, Thomas. Joanna morreu em 1511 e More voltou a casar, menos de um mês após a sua morte, com Alice Middleton. Advogado, juiz, membro do Parlamento, tradutor e pensador, a vida pública, política e intelectual de More foi vasta e profícua. De 1510 a 1516, foi corregedor de Londres e em 1516 deu ao prelo *Utopia*, que escreveu em latim; só mais tarde é que a obra seria traduzida para inglês. Desempenhou vários cargos durante o reinado de Henrique VIII, entre os quais os de embaixador, orador na Casa dos Comuns, conselheiro do ducado de Lencastre e, entre 1529 e 1532, chanceler do Reino. Apoiante fervoroso da Igreja Católica — na juventude, contemplara brevemente a possibilidade de seguir a vida monástica —, Thomas More não só se opôs ao divórcio de Henrique VIII com Catarina de Aragão e ao seu subsequente casamento com Ana Bolena, como se recusou a reconhecer-lo como chefe da Igreja de Inglaterra. Julgado por traição, Thomas More foi condenado à morte e executado a 17 de abril de 1534, na Torre de Londres. Foi canonizado em 1935.

LUÍS MANUEL GASPAR CERQUEIRA fez os seus estudos na Faculdade de Letras de Lisboa, na área das Línguas e Literaturas Clássicas, e nessa instituição se doutorou em Literatura Latina, em 2000. Realizou paralelamente uma formação musical no Conservatório Nacional e na Escola Superior de Música de Lisboa, na área do órgão. É professor da Faculdade de Letras de Lisboa desde 1984, tendo lecionado vários níveis de Latim,

Literatura Latina, Cultura Medieval, Música e Literatura. As suas publicações académicas incidem sobretudo nas áreas da épica latina, da musicologia antiga e medieval e das relações entre a música e a literatura. Traduziu alguns textos latinos relevantes da tradição europeia (Vergílio, Lucrecio, Lucano, Boécio, Dante, etc.), tendo recebido dois prestigiados prémios de tradução literária.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	vii
Utopia	1
Livro I	3
Livro II	65
Das cidades, nomeadamente de Amauroto	72
Os magistrados	76
Artes e ofícios	78
Relações sociais	86
As viagens dos Utopianos	95
Escravidão	127
Práticas militares	140
As religiões	155
Louvor da república dos Utopianos	174
NOTAS DE TRADUÇÃO	183

INTRODUÇÃO

Thomas More, humanista inglês do século xvi, foi o criador da palavra «utopia», esse «não-lugar», do grego «u-topos», em que projetamos o nosso anseio por um mundo mais perfeito do que este em que habitamos. Este livro cunhou a palavra. Mas também inventou um modelo de sociedade que ainda hoje nos interpela.

Thomas More nasceu em Londres a 7 de fevereiro de 1478, ou talvez em 1477, filho de um juiz renomado. Dez anos mais tarde, em 1488, Bartolomeu Dias dobrou o cabo da Boa Esperança, passagem do Atlântico para o Índico. É o tempo dos Descobrimentos portugueses, com grande impacto em toda a Europa. O mundo abre-se. A vida de More coincide também com o grande impulso humanístico, iniciado em Itália, com o renovado interesse pelas línguas clássicas e pelos textos produzidos pelos Gregos e pelos Romanos. Em 1477, em Itália, Marsilio Ficino traduz para latim a obra completa de Platão, textos que serão publicados em 1484, tornando-se assim acessíveis pela primeira vez a uma comunidade académica alargada. A vida e ação de More cruzam-se tragicamente

com a irrupção da espiritualidade reformista luterana, com os reinados de Henrique VII e Henrique VIII, e com o cataclismo que representou o cisma anglicano com Roma.

Os Descobrimentos portugueses fazem-se presentes na sua obra através da pessoa de Rafael Hitlodeu, um navegador português de pele tisonada, que viajara até onde ninguém fora e contará o que viu em Utopia. Seria, segundo More, um dos 24 homens deixados por Américo Vespúcio numa fortificação na costa brasileira, referidos num texto latino da época sobre as viagens de Vespúcio, texto cuja autenticidade é atualmente questionada pelos investigadores. Daí teria viajado até Utopia, ilha de localização incerta, e depois regressado à Europa, passando do Sul do Atlântico para o Índico e sendo recolhido por portugueses em Calecute. Não é, portanto, o primeiro homem a dar a volta ao globo, pois teria ido para leste, depois da sua estada na ilha maravilhosa. Será o também português Magalhães (e o espanhol Delcano) a abraçar a totalidade da esfera terrestre.

Este Rafael Hitlodeu português, ainda que possa ter sido inspirado por alguma personagem real que More tenha conhecido, é sobretudo uma consequência da fama e do reconhecimento que os navegadores portugueses têm na época a nível europeu. Além disso, do ponto de vista ficcional, faz todo o sentido que o navegador seja português, pois as viagens de Vespúcio foram feitas às ordens do rei de Portugal, D. Manuel. Esta personagem cativante, contudo,

é francamente inverosímil: sabe latim e grego e leva consigo na viagem de descoberta obras de escritores clássicos, o que não se coaduna com o perfil de um marinheiro português real. As suas reações à sociedade utopiana, o seu pensamento crítico e sentido de humor revelam-nos que é de facto um *alter ego* de Thomas More.

More, esse sim, é um humanista. Conhece as línguas e os textos clássicos, dedica-se à historiografia (sendo a sua inacabada biografia de Ricardo III a principal fonte da peça homónima de Shakespeare), à poesia (a alguns poemas em inglês soma-se um grande número de epigramas em latim), ao ensaio de filosofia política (além de *Utopia*, Erasmo refere um texto de More sobre a comunidade das esposas propugnada na *República* de Platão, que se perdeu), a cartas de polémica (a inserir no género retórico da invetiva) e a traduções do grego, numa produção literária vasta e multifacetada. Sendo a sua obra mais conhecida, *Utopia* é a ponta de um icebergue. A sua formação de intelectual incluía inevitavelmente o latim, que começou a estudar na St. Anthony's School, tendo depois sido colocado, aos 12 anos, como pajem no palácio de John Morton, figura notável, *lord chancellor* de Henrique VII e arcebispo de Cantuária, cardeal a partir de 1493, personalidade por quem More nutriu sempre grande admiração e respeito, e cuja memória é recordada nesta obra. Dois anos depois, foi enviado para Oxford, a fim de aprofundar os seus conhecimentos, regressando

a Londres para a sua formação jurídica em Inns of Court. O seu contacto com os primeiros humanistas ingleses data desta época. Estudou composição latina com John Holt, e foi com William Grocyn, o primeiro a ensinar grego clássico em Inglaterra, que More aprendeu essa língua, cujo estudo defendeu energeticamente junto dos mestres de Oxford. Além do estudo do Direito e das Humanidades, More passou nesta fase da sua juventude quatro anos junto dos monges cartuxos, ordem de austero rigor, e pensou mesmo em tornar-se sacerdote, tendo posteriormente abandonado a ideia. Mas ficou-lhe deste episódio da sua vida a impressão causada pelo despojamento dos bens materiais na comunidade monástica e uma certa candura e ingenuidade relativamente à natureza humana. A filosofia política patenteada na sua obra manifesta o sonho de uma comunidade humana melhor, opondo-se drasticamente ao pessimismo de Maquiavel, que trabalha por esta altura no seu *Príncipe*, resultado da observação fria da realidade e não de um anseio ideal. Embora não tenha viajado para Itália, centro do entusiasmo pelas línguas e textos clássicos, More relacionou-se com pessoas que estavam no âmago do humanismo europeu. Salienta-se a sua amizade com Erasmo, que o visitou várias vezes e que escreveu o *Elogio da Loucura* na casa de campo de More, em 1509, depois de regressar de Itália com um doutoramento em Teologia e profundamente escandalizado com o fausto e o poder secular do papa e os desmandos da Igreja.

Os dois homens tinham personalidades muito semelhantes, e no *Elogio da Loucura* encontramos muitos pontos em comum com *Utopia*: a crítica dos poderosos, na política e na Igreja, ridicularização das subtilezas da lógica dos escolásticos, da crueldade das caçadas, um sentido de humor sardónico, no caso de Erasmo mais irreverente e cáustico relativamente à Igreja e com um maior peso de erudição. Tanto More como Erasmo apreciavam e traduziram do grego obras de Luciano, autor grego mordaz e divertido, cheio de imaginação, e este interesse comum é manifestação de afinidades eletivas importantes. Foi Erasmo que promoveu a primeira edição de *Utopia*, em 1516, não por amizade, diz o próprio, mas por reconhecer a qualidade e a importância da obra. Guillaume Budé, o terceiro elemento deste triunvirato fabuloso dos humanistas da Europa do Norte, escreverá também uma famosa carta de recomendação, num esforço internacional por difundir *Utopia* no continente.

More teve uma carreira profissional e política notável. Em termos de participação cívica, desempenhou, entre muitos outros importantes cargos, o de *sub-sheriff* (corregedor) de Londres de 1510 a 1516, cargo que implicava presidir aos julgamentos e que exercia na época em que escreveu *Utopia*, situação que o leva a idealizar e a desejar um sistema judicial menos cruel e mais racional.

Chamado à Corte, chegou a desempenhar o importantíssimo cargo de *lord chancellor*, ou chanceler do Reino de Inglaterra, de 1529 a 1532. Em 1534, Henrique VIII

proclamou o Succession Act, ou Ato da Sucessão, pelo qual queria que fossem reconhecidos como legítimos os filhos que tivera com Ana Bolena, sua segunda mulher. Posteriormente, o Ato da Supremacia obrigava ao reconhecimento da pessoa do rei como chefe da Igreja Anglicana, em substituição do papa, que seria doravante apenas bispo de Roma. More foi obrigado a tomar uma posição e recusou fazer o juramento de fidelidade, tendo o bispo de Rochester, John Fisher, assumido a mesma atitude e incorrido nas mesmas represálias. Eram homens de fé e de princípios, que preferiam obedecer em primeiro lugar a Deus e à sua consciência, e só depois ao rei. More foi encarcerado na famigerada Torre de Londres, sendo executado ainda em 1534. Mesmo nessas circunstâncias trágicas e injustas, manteve o bom humor e a serenidade: ao saber que o rei lhe comutara a sentença de ser enforcado, retirado da forca ainda com vida e esquartejado, transformando-a numa pena de decapitação simples, «por misericórdia», More comentou que desejava que os seus amigos não fossem nunca bafejados por misericórdia semelhante. Foi canonizado como mártir pela Igreja Católica em 1935.

A obra terá sido escrita em duas fases, começando pelo Livro II, em que se descrevem a ilha de Utopia e as suas instituições, durante a estada de More na Flandres como embaixador, em 1515, e depois o Livro I, em 1516, já em Inglaterra, que serve para encaixar o encontro com

o português Rafael Hitlodeu durante a embaixada de More, esta real e autobiográfica.

O não-lugar insere-se assim no lugar real a partir do qual o imaginamos, reflete-o, mistura-se com ele. O inverso também é verdade: muitos aspetos concretos da sociedade da ilha de Utopia são o reflexo no espelho, invertido, positivo, dos problemas da sociedade europeia, nas vertentes económica, social, cultural, política e religiosa. A crítica, porém, não é feita apenas indiretamente, através do espelho que corrige as formas defeituosas da realidade: há uma crítica aberta às pechas do mundo real. E o Antigo Regime tinha muitas. O que é espantoso, e menos perceptível para nós, é a violência subversiva deste texto, que diz o que diz numa época em que a Revolução Francesa ainda vem muito longe.

Há ainda aspetos mais abrangentes, que respeitam a uma organização social na sua globalidade, e que descolam claramente do mundo real de More. Essa dimensão teórica vem sobretudo da *República* de Platão, explicitamente citada várias vezes, nomeadamente no que diz respeito ao comunismo dos bens e à ausência de propriedade privada. A *Política* de Aristóteles e os diálogos de Cícero são também fontes importantes desta visão mais alargada. Este material teórico clássico, relacionável com o movimento humanista, constitui a lenha que, avivada pelo sopro das novidades da expansão marítima e pela imaginação de More, farão crepitar esta fogueira.

Se, por um lado, há questões em que nos afastamos muito da rigidez do sistema de classes do Antigo Regime, parecendo prenunciar as modernas sociedades democráticas, como é o caso da eleição pelo voto dos cidadãos dos responsáveis políticos, dos magistrados, do governador e dos sacerdotes de Utopia, por outro choca-nos a proximidade com os regimes totalitários, com a interferência profunda do poder político na vida privada dos cidadãos, que nem podem dar um pequeno passeio sem pedir autorização.

E depois há a fantasia exuberante de More, o seu aguçado sentido de humor, que cria situações tão ridicularmente divertidas que obviamente não são de todo para levar a sério.

Rafael Hitlodeu, o português ficcionado que More teria conhecido na Antuérpia real, visitou e descreve esta ilha do não-lugar. No Livro I, Rafael faz uma crítica severa à sociedade inglesa contemporânea; no Livro II, descreve a sociedade da ilha de Utopia. No seu relato são convocadas as Descobertas portuguesas e as notícias coevas e reais de novos mundos, mas a essência da obra assenta no alicerce da fantasia e do espírito crítico de Thomas More.

Se a revelação de novas paragens e sociedades subverte a imagem do mundo tradicional, porque não dar asas à imaginação?

A ideia de uma ilha maravilhosa é um tópico muito antigo e difundido, desde a Ilha dos Bem-Aventurados de Homero à Ilha dos Amores de Camões, da Ilha do Paraíso

de São Brandão da tradição celta à Ilha das Sete Cidades dos textos medievais portugueses. A ilha é um lugar inverificável, onde se pode perfeitamente colocar uma Utopia.

Tendo em conta que não temos o manuscrito da obra, e que há quatro edições feitas em vida de More, a primeira de 1516, publicada em Lovaina pelos bons ofícios de Erasmo, tomámos como texto de base para a tradução, como acontece com a generalidade dos editores e tradutores, a edição publicada por Froben em Basileia, em março de 1518, a última em que More terá tido intervenção direta. São poucas e de pormenor as variantes preferidas, fruto da reflexão de outros antes de nós e, num ou noutro caso, da nossa.

Sendo esta tradução destinada a um público não académico, reduziram-se as notas ao essencial, omitiram-se os paratextos que foram sendo acrescentados nas sucessivas edições da obra, como a correspondência epistolar relativa ao texto, as observações de outros humanistas, plasmadas nas notas marginais das várias edições, o alfabeto utopiano inventado por More e até poemas na língua inventada para esta ilha, que não fazem parte da obra.

O nível de língua do texto latino é claramente coloquial, e foi isso que se procurou também na tradução, por via de correspondências portuguesas com expressões mais idiomáticas. Visou-se a legibilidade, sem atraiçoar a fidelidade ao texto.

Luís Manuel Gaspar Cerqueira

Utopia

Livro I

Relato que fez Rafael Hitlodeu, homem extraordinário, sobre a melhor forma de organização política e sobre a nova ilha de Utopia, pelo ilustre varão Thomas More, cidadão e Corregedor de Londres, nobre cidade de Inglaterra.

Como o invictíssimo Henrique, Rei de Inglaterra, oitavo de seu nome, distintíssimo em todas as artes próprias de um príncipe egrégio, tivesse tido alguns assuntos controversos de certa importância com o sereníssimo Príncipe Carlos de Castela, enviou-me como embaixador à Flandres, para deles me ocupar e os resolver, de par com o meu companheiro e colega, o incomparável varão Cutberto Tunstall, ao qual recentemente confiou o cargo de Chanceler de Cantuária, com agrado geral. Sobre os seus méritos nada direi, não porque à amizade possa ser assacada pouca credibilidade no testemunho, mas porque a sua virtude e saber são maiores do que aquilo que eu poderia dizer, e, ademais, é tão famoso em todo o lado e tão ilustre que não é necessário que eu o diga, a não ser que queira, como sói dizer-se, alumiar o sol com a candeia.

Vieram ao nosso encontro em Bruges — assim tinha sido combinado — aqueles a quem o assunto fora confiado

pelo príncipe, todos varões de grande categoria. Entre eles estava o burgomestre de Bruges, homem magnífico, como principal e chefe, mas o orador mais destacado e a alma da embaixada era Jorge Temsecke, preboste de Cassel, homem eloquente tanto por educação quanto por natureza, e além disso muito versado em Direito, com grande capacidade para tratar de assuntos de diplomacia, não só pelas suas naturais qualidades, mas também devido a uma longa experiência.

Como, tendo-nos reunido uma e outra vez, não conseguimos chegar a um acordo razoável sobre certas questões, eles, tendo-se despedido de nós por alguns dias, partiram para Bruxelas, a fim de consultar a autoridade do seu príncipe. Eu, entretanto, uma vez que assim se proporcionava, dirigi-me para Antuérpia. Enquanto aí estava, visitou-me, entre muitos outros, mas mais grato do que todos, Pedro Egídio, natural de Antuérpia, homem de honroso estatuto, de grande lealdade e merecedor do mais elevado prestígio, pois é um jovem muito douto e morigerado, de grande cultura, e ainda por cima com uma natureza afável para com todos, com um coração tão aberto para os amigos, com um amor, lealdade, afeto tão sinceros que dificilmente se poderá encontrar um ou dois que se lhe possam comparar em todos os parâmetros da amizade.

Dotado de rara modéstia, longe dele está a dissimulação mais do que de nenhum outro, ninguém tem uma simplicidade mais sábia ou é tão encantador na conversação,

com gracejos tão sem maldade que me aliviou as saudades da pátria, do meu lar, da mulher e dos filhos, pois me atormentava a vontade de os voltar a ver — nessa altura estava eu longe de casa havia mais de quatro meses —, com a sua companhia muito agradável e com a sua conversação, mais doce do que o mel.

Certo dia, quando eu assistia a uma cerimónia religiosa na Igreja de Santa Maria, que é um bellissimo edifício e muito frequentado pelos fiéis, e, terminada a cerimónia, me preparava para regressar à estalagem, vejo-o por acaso a conversar com um desconhecido de idade já avançada, rosto tisonado, barba comprida, uma capa a cair-lhe negligentemente do ombro, que, pelo rosto e pela indumentária, me pareceu um capitão de navio. Ora, logo que me viu, Pedro veio ter comigo e cumprimentou-me, puxou-me um pouco à parte, quando tentava responder-lhe e disse:

— Vês aquele homem? — E indicou ao mesmo tempo aquele com quem eu o tinha visto a falar. — Estava mesmo a preparar-me para o levar a tua casa.

— Tê-lo-ia recebido com muito gosto, em atenção a ti!

— Antes por atenção à sua pessoa — disse ele —, se soubesses quem é! Na verdade, não há nenhum homem vivo, de entre todos os mortais, capaz de contar como ele a grandiosa descoberta de homens e terras desconhecidas. Bem sei que tens uma ávida curiosidade por ouvir esse tipo de coisas.

— Então tinha razão nas minhas suposições: de facto, à primeira vista, tinha-me parecido que esse homem era um capitão de navio.

— Pois — disse ele — estás muito enganado. Navegou, de facto, mas não como Palinuro, antes como Ulisses. Aliás, seguramente como Platão¹. Este Rafael, de apelido Hitlodeu, não só conhece o latim, mas também é doutíssimo no grego, de que é mais estudioso do que da língua de Roma, porque se dedicou inteiramente à Filosofia (assunto sobre o qual ele se deu conta de que, excetuadas algumas obras de Séneca e de Cícero, nada de significativo resta em latim). Deixando o património que tinha na pátria aos irmãos (é, de facto, português), juntou-se a Américo Vespúcio na sua demanda de ver o mundo e em três das últimas viagens, cujo relato é já lido por todo o lado², foi seu companheiro constante, exceto na última, em que já não voltou com ele. Pediu-lhe insistentemente e conseguiu arrancar-lhe permissão para fazer parte do grupo de vinte e quatro que ficaram num fortim, no ponto mais longínquo a que chegou na última viagem. E assim, aí foi deixado, para obedecer ao seu espírito, mais desejoso de viajar do que de ter uma sepultura. Pois ele é um daqueles que têm sempre na boca estas palavras: «aquele que não tem túmulo, serve-lhe o céu de mortalha», e «existe por todo o lado o mesmo número de maneiras de ir desta para melhor». Esta sua maneira de pensar, se Deus lhe não tem sido favorável, podia ter-lhe custado demasiado caro.

»Contudo, depois de Vespúcio ter partido, Rafael percorreu muitas regiões com os seus cinco companheiros do fortim, e, por fim, com espantosa sorte, chegou à Taprobana, daí alcançou Calecute, onde, tendo encontrado por feliz acaso navios portugueses, foi reconduzido de volta à sua pátria, contra tudo o que seria de esperar.

Quando Pedro acabou de contar isto, eu, tendo-lhe agradecido o ter sido tão atencioso para comigo, a ponto de ter arranjado maneira de eu conversar com este homem, na esperança de que o colóquio com ele me fosse grato e que eu usufruísse das suas palavras, volto-me para Rafael e, depois de nos termos cumprimentado e dito as palavras de circunstância que é costume dizer-se quando dois desconhecidos se encontram pela primeira vez, fomos para a minha estalagem e, tendo-nos aí sentado no jardim, num banco rodeado por uma sebe de arbustos, conversámos.

Contou-nos então de que forma, após a partida de Vespúcio, ele e os companheiros que tinham ficado na fortaleza começaram a insinuar-se pouco a pouco entre as gentes dessa terra com encontros e atitudes afáveis, não só não correndo qualquer perigo entre eles, mas convivendo de forma amigável, e depois a tornarem-se benquistos e estimados por um certo príncipe — cujo nome e pátria me escapam agora. Contava como este, na sua generosidade, lhes fornecera mantimentos e meios de transporte, a ele e a cinco companheiros, para a viagem que iriam fazer, em parte por água, em jangadas, e em parte por terra,

em carroças, e deu-lhes ainda um guia fiável para o caminho, a fim de os levar ao encontro de outros príncipes, para quem se dirigiram com as convenientes recomendações.

Na verdade, depois de uma viagem de muitos dias, contou ele, tinham encontrado fortificações, cidades e comunidades nada mal constituídas e com uma população numerosa. Sob a linha do equador, de um e de outro lado, praticamente em toda a extensão abraçada pela órbita do Sol, encontram-se, diz ele, vastos desertos, causticados por um calor constante. Por todo o lado há uma desolação e é triste a paisagem que se avista, desprovida de cultivo e habitada por animais ferozes e serpentes e também homens, não menos ferozes do que os animais selvagens, nem menos perigosos.

Depois, conforme nos vamos afastando, pouco a pouco tudo se ameniza: o clima é menos áspero, o solo abrandase com verdura, a natureza dos animais é mais mansa e finalmente abrem-se povoados, cidades, fortificações, em que há tratos comerciais assíduos não só de uns com os outros, mas também com vizinhos e até com povos muito distantes, por terra e por mar.

A partir desse lugar, surgiu-lhe a oportunidade de visitar muitas terras, em todas as direções, porque não havia nenhum navio que fosse aparelhado para qualquer percurso que não o acolhesse a bordo, a ele e aos seus companheiros, de bom grado. Os navios que viram na primeira região eram de quilha chata. As suas velas enfunavam-se

com folhas de papiro cosidas ou com vimes entrelaçados; noutro lado, eram de couro. Depois, encontraram navios de quilha recurva e velas de cânhamo, enfim, em tudo semelhantes aos nossos. Os marinheiros eram conhecedores do mar e do céu, mas ele dizia que tinha granjeado junto deles uma enorme gratidão por lhes ter transmitido o uso da bússola magnética, que eles desconheciam completamente. Era por isso que se faziam ao mar timidamente e não se confiavam ao pélagos com à-vontade senão no verão. Agora, porém, mais confiados do que seguros graças à fé que depositam nesta pedra, desprezam a borrasca, de modo que há o perigo de que aquilo que se julgava que seria para eles um grande bem se torne causa de grandes desgraças, devido ao excesso de confiança.

Contou o que viu em cada lugar, e seria longo expor tudo em pormenor, nem tal é o objetivo desta obra, embora talvez o venhamos a dizer noutro lugar, em particular aquilo que seria útil que não fosse ignorado, como é o caso das coisas fundamentais que ele viu que em dado momento foram reta e sabiamente dispostas entre povos que convivem civilizadamente.

Nós fazíamos perguntas, cheios de curiosidade, sobre estes assuntos, e ele respondia com prazer, tendo, porém, deixado de parte a questão dos monstros, pois não há nada menos novo do que eles: de facto, não há lugar nenhum em que não se encontrem Cilas, Celenos rapaces, Lestrígonos devoradores de povos e outros portentos assustadores do

mesmo género³, mas já se não encontram em lado algum cidadãos bem-formados e sabiamente orientados.

Aliás, tal como se apercebeu de que há muitas coisas entre aqueles povos que são mal feitas, também não foram poucas as coisas que registou de que se podem tomar bons exemplos para corrigir os erros das cidades, nações, povos e reinos. Noutro lugar, como disse, hei de lembrá-las.

Agora o meu propósito é apenas referir aquilo que ele narrava sobre os costumes e instituições dos Utopianos, pondo no início, todavia, aquele relato pelo qual, como que à laia de introdução, acabámos por falar desta forma de governação.

Na verdade, tendo Rafael referido com grande sabedoria uns erros cometidos num lado, outros noutro, e certamente muitos em ambos, além daquilo que entre nós ou entre eles é mais sabiamente acautelado, e como mostrasse conhecer bem os costumes e as instituições de cada povo, como se tivesse passado muito tempo em cada lugar e parecendo ter aí vivido toda a vida, Pedro, admirado com o homem, disse-lhe:

— Causa-me estranheza que não vos associeis a um qualquer rei, pois sei bem que não há nenhum deles que não vos apreciasse muito, e poderíeis não só deleitá-lo com o vosso conhecimento e experiência desses lugares e povos, mas também instruí-lo com exemplos e auxiliá-lo com o vosso conselho, por serdes pessoa capaz de o fazer, e deste modo acauteláreis também grandemente o vosso

bem-estar e poderíeis trazer grande proveito aos interesses de todos os vossos.

— No que aos meus respeita — retorquiu ele —, não é algo que me mova muito, pois julgo que já cumpri para com eles mais do que as minhas obrigações. Na verdade, em relação àquelas coisas que os outros só cedem quando estão velhos e doentes, e mesmo assim contrariados, porque já não podem usufruir da sua posse, essas mesmas coisas eu, não só são e vigoroso, mas também jovem, deixo-as aos meus parentes e amigos, que penso terem ficado satisfeitos com essa minha generosidade e não exigem nem esperam que eu me ponha agora a servir reis por causa deles.

— Palavras acertadas — disse Pedro —, mas o que eu queria dizer não era que servísseis os reis, mas estivésseis ao serviço deles.

— Isso é apenas uma ligeira diferença nas palavras.

— Eu, cá por mim, penso que, seja qual for o nome que queirais dar à função, é essa a via pela qual podeis não só ser útil aos outros, seja em assuntos particulares seja em questões públicas, mas também melhorar a vossa própria condição de vida.

— Será que iria mesmo melhorá-la — contestou Rafael —, enveredando por um caminho que repugna ao meu espírito? É que, neste momento, vivo à minha vontade, coisa que me quer parecer que acontece com pouquíssimas pessoas que se vestem de púrpura. E não há já gente

suficiente a rondar o favor dos poderosos para vos fazer pensar que não será perda por aí além se lhes faltar eu e mais um ou dois como eu?

Então, retorqui:

— É evidente que vós, meu caro Rafael, não ambicionais riquezas materiais nem poder, e sem dúvida que eu não respeito menos ou tenho menor consideração por um homem com a vossa maneira de pensar do que por qualquer daqueles que têm o mais alto mando. Além disso, tenho a clara sensação de que ireis fazer uma coisa digna de vós e deste vosso espírito tão nobre, tão verdadeiramente filosófico, se, ainda que com algum sacrifício pessoal, vos dispuserdes de tal modo que useis o vosso engenho e esforço em prol do bem comum, algo que nunca sereis capaz de fazer com resultado igual ao que obteríeis fazendo parte do conselho de algum príncipe, persuadindo-o de coisas retas e honrosas, como não duvido de que certamente faríeis. De facto, é do príncipe que flui a torrente de todos os bens e males para todo o povo, como que de uma fonte inesgotável. Há em vós, realmente, um conhecimento tão completo, ainda que arredado de um grande traquejo nos assuntos, e além disso uma tão grande experiência de vida que, embora não tivésseis uma formação teórica, daríeis um conselheiro extraordinário, fosse de que rei fosse.

— Enganais-vos duplamente, meu caro More — disse ele —, primeiro a meu respeito, depois quanto ao assunto

propriamente dito. Na verdade, não tenho as capacidades que me atribuí e, ainda que as tivesse no mais alto grau, se eu trocasse o meu ócio pela atividade política, em nada faria evoluir a governação. Em primeiro lugar, a maioria dos príncipes prefere ocupar-se em guerras, coisa em que não sou nem quero ser entendido, mais do que nas artes da paz, e têm muito mais interesse em saber de que maneira, legal ou ilegal, podem adquirir novos territórios, do que em administrar bem aqueles que já lhes pertencem.

»Além disso, de todos os que são do conselho dos reis, não há um só que, das duas uma, ou não saiba realmente tanto que não precise de aprovar os conselhos de outrem ou não esteja tão convencido do seu saber que lhe agrade fazê-lo. O problema é que dão o seu assentimento a todas as opiniões, por estapafúrdias e abstrusas que sejam, e se colocam numa posição subserviente em relação àqueles que gozam de maior favor junto do príncipe, procurando pela anuência cair nas suas boas graças. E sem dúvida que é resultado da natureza humana que cada qual aprecie sobretudo as suas próprias descobertas, tal como a cria do corvo agrada ao progenitor, e os filhotes da macaca agradam à mãe.

»E se alguém, numa reunião de gente que tem inveja das descobertas dos outros ou que prefere as suas, propuser algo que tenha lido ter sido feito noutros tempos ou visto ser feito noutros lugares, os que aí o ouvem reagem como se toda a reputação do seu saber fosse posta em causa

e como se depois viessem a ser considerados totalmente estúpidos, se não forem capazes de encontrar alguma coisa para criticar como errada nas ideias dos outros. Se falharem outros argumentos, então refugiam-se nisto: «Foi assim», dizem, «que aprovou a nossos antepassados, cuja sabedoria oxalá nós pudéssemos igualar!»

»E, dito isto, voltam a sentar-se, julgando ter concluído um magnífico discurso.

»Como se fosse um grande perigo que alguém em algum assunto se mostrasse mais sábio do que os seus antepassados. A verdade é que, por muito boas decisões que eles tenham tomado, é com a maior das tranquilidades que nos permitimos dizer-lhes adeus. Por outro lado, se surge a possibilidade de tomar uma decisão mais acertada do que eles sobre alguma questão, agarramo-nos ao passado com unhas e dentes.

»Deparei-me muitas vezes com estas arrogantes, absurdas e morosas tomadas de decisão, em muitos lugares e, certa vez, em Inglaterra.

— Desculpai — interrompi eu —, mas já estivestes na nossa terra?

— Estive — respondeu — e até andei por lá alguns meses, não muito depois daquele calamitoso desenlace em que a guerra civil dos Anglos ocidentais contra o rei foi subjugada com o deplorável massacre daqueles⁴. Entrementes, muito fiquei a dever ao reverendíssimo padre John Morton, Arcebispo de Cantuária, Cardeal e além disso

também Chanceler de Inglaterra, meu caro Pedro (pois More conhece aquilo que vou contar), homem não mais venerável pela sua autoridade do que pela sua sabedoria e virtude⁵. Era de estatura mediana e não dava sinais de fraqueza, apesar da sua avançada idade, um rosto que inspirava respeito, mas não medo, não difícil de trato, embora sério e grave. Por vezes gostava de interpelar os que lhe faziam pedidos de forma um pouco mais áspera, para os pôr à prova, mas sem os tratar mal, a fim de perceber que engenho, que presença de espírito cada um apresentava, se tinha uma moralidade semelhante à sua. Alegrava-se quando via que não existiam más intenções e, quando achava que tinham uma personalidade idónea, acolhia-os, estimulando-os a gerirem bem os seus assuntos. A sua palavra era elegante e eficaz, tinha grande experiência no Direito e uma inteligência incomparável, uma excelente memória, a roçar o prodigioso.

»Todas estas qualidades naturais extraordinárias ele havia desenvolvido pelo estudo e pelo exercício. Fiquei com a impressão de que o rei tinha a maior confiança nos seus conselhos e a governação apoiava-se muito nele, no tempo em que eu lá estava. E havia razão para isso, pois ele praticamente desde a primeira juventude tinha sido atirado da escola para a corte, e passara toda a sua vida no meio dos assuntos mais ponderosos, sujeito frequentemente a várias tribulações da Fortuna, e tinha aprendido a compreensão profunda dos acontecimentos com muitos e grandes

perigos, entendimento que, quando é assim adquirido, não se perde facilmente.

»Quis o acaso da Fortuna que certo dia, estando eu à sua mesa, se encontrasse também presente um leigo, perito nas leis do vosso país, e este, não sei a que propósito, começou a elogiar com entusiasmo a severidade das penas que então eram aplicadas aos ladrões que, insistia ele, frequentemente se enforcavam aos vinte de cada vez numa mesma força, e que por isso muito se espantava como, sendo tão poucos os que escapavam ao suplício, por má sorte sucedia que, mesmo assim, ainda havia tantos que continuavam a praticar assaltos por toda a parte.

Foi então que ousei tomar a palavra com frontalidade na presença do Cardeal.

— Não vos admireis! Na verdade, esta punição dos ladrões excede o que seria justo e não é útil ao bem comum. De facto, é uma pena demasiado cruel para castigar os furtos, e, por outro lado, não é suficiente para os travar. É que nem o furto simples é um crime tão grande que deva ser punido com a pena de morte, nem há castigo tão grande que possa dissuadir do latrocínio aqueles que não têm nenhuma outra forma de prover ao seu sustento. E assim, neste particular, não só vós como grande parte deste mundo parece imitar os maus professores, que têm mais gosto em castigar os alunos do que em ensiná-los. São aplicados aos ladrões pesados e horrendos castigos, quando se deveria antes providenciar que todos tivessem

algum meio de subsistência, de modo que ninguém tivesse a terrível necessidade de roubar e, conseqüentemente, de perder a vida.

— Mas — disse ele — isso está suficientemente acautelado: há artes mecânicas, há o trabalho dos campos, com que seria possível governarem a vida, se não preferissem ser malfeitores por vontade própria.

— Todavia assim — disse eu — não conseguis fugir à questão: em primeiro lugar, deixemos de parte aqueles que tantas vezes regressam a casa estropiados, seja das guerras com o exterior seja de guerras civis, como sucedeu há pouco entre vós, nas lutas na Cornualha e, não muito antes, na campanha da França⁶. Estes homens perdem os membros ao serviço da comunidade ou do rei, e a sua deficiência não lhes permite exercer os ofícios que antes praticavam, nem a idade aprender um novo. Deixemos, digo, estes de parte, porque as guerras sucedem esporadicamente; atentemos apenas naquilo que é uma realidade permanente.

»É muito grande o número dos nobres que passam a vida ociosos à custa do trabalho dos outros, como zangões, por exemplo esmifrando até ao tutano os trabalhadores das suas herdades para aumentarem os seus rendimentos. E só conhecem essa forma de economizar, pois, quanto ao resto, são tão esbanjadores que chegam a cair na mendicância. De facto, rodeiam-se de uma imensa multidão de parasitas inúteis, que nunca aprenderam nenhum ofício

para ganhar o seu sustento. Estes, mal o patrão morre ou eles próprios adoecem, são imediatamente postos fora. Na verdade, prefere-se alimentar ociosos a alimentar doentes, e muitas vezes o herdeiro do que faleceu não é imediatamente capaz de alimentar a clientela paterna. E então estes indivíduos dedicam toda a sua energia a passar fome, se não a dedicarem ao roubo. Na verdade, que mais hão de fazer? Pois quando, ao vagabundear, degradam gradualmente as vestes e a saúde, já esquálidos pela doença e andrajosos, nem os nobres se dignam acolhê-los, nem os camponeses se atrevem a fazê-lo, pois têm noção de que um homem criado com moleza no ócio e nos prazeres, que se acostumou a andar de escudo e de punhal à cinta, olha de soslaio toda a vizinhança com um rosto altivo e despreza todos os que estão acima dele. Esse de modo algum será capaz de servir com lealdade um pobre lavrador, pegando numa enxada e num alvião, por magro pagamento e escassa comida.

A isto ele retorquiu:

— Este tipo de homem deve ser bem tratado, mais do que os outros. É neles, homens de espírito mais elevado e mais nobre do que os artesãos ou os lavradores, que se baseia a força e a robustez do exército, quando for necessário entrar em guerra.

— Sem dúvida — disse eu — podereis dizer que, pela mesma ordem de ideias, por causa da guerra, se devem também tratar bem os ladrões, dos quais certamente não

tereis falta enquanto dispuserdes destes. É que nem os ladrões dão fracos soldados nem os soldados dão os mais frouxos ladrões, de tal modo há uma semelhança entre as duas atividades. Embora este flagelo esteja muito difundido entre vós, não é vosso exclusivo apanágio: é, de facto, comum a quase todos os povos. Na verdade, outra peste ainda mais pestilenta infesta a França: todo o território está cheio de mercenários, inclusive em tempo de paz (se é paz, aquilo), e cercado por soldados, contratados devido ao mesmo raciocínio que agora vos levou a achar que se devem sustentar servidores ociosos⁷. Estes morósofos⁸ pensam que a salvação do bem comum depende disso, de estar sempre à disposição um forte e firme contingente de tropas, em especial de veteranos. De facto, não têm qualquer confiança em homens sem experiência, de modo que até por isso há necessidade de procurar a guerra, para os soldados andarem treinados e haver homens para degolar sem mais nem menos, não vá dar-se o caso (como diz Salústio com ironia) de a mão ou a coragem começarem a entorpecer por falta de atividade⁹.

»Mas quão pernicioso seja alimentar feras deste jaez, já a França o aprendeu, à sua própria custa. Mostram-nos também os exemplos dos Romanos, Cartagineses, Sírios e de muitos outros povos, pois os seus exércitos, preparados contra os invasores e para outras situações, destruíram não só os seus impérios, de todos eles, mas também os seus campos agrícolas e até as suas cidades.

«Porque noutros lados, sempre que se fala do interesse público, é do privado que cuidam. Aqui, onde nada é privado, conduzem com seriedade os assuntos públicos.»

No início do século XVI, em Antuérpia, Thomas More é apresentado ao navegador português Rafael Hitlodeu, que lhe relata a existência de um lugar extraordinário: uma ilha – Utopia – onde impera a ordem e a justiça, onde a propriedade é comum e os cidadãos coabitam em harmonia. Partindo da noção platónica de uma cidade dirigida por filósofos – e, portanto, pela razão –, More descreve este mundo ideal, conferindo-lhe leis, uma organização social, política e religiosa e até um alfabeto próprio, e tece uma crítica velada à ambição e corrupção da classe dirigente da época e dos valores que a orientavam.

Publicado em 1516, *Utopia* constitui um dos textos fundacionais do pensamento político moderno e do humanismo, assinalando o momento em que, livre da conceção medieval de um Deus todo-poderoso, o Homem toma consciência de que é dono e senhor do seu destino.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução e introdução
de Luís Manuel Gaspar Cerqueira



Coney Island,
1914 (óleo sobre tela)
Joseph Stella
(1877-1946)

© Metropolitan Museum
of Art, New York, USA/
Bridgeman Images



penguinlivros.pt



penguinlivros



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN: 978-989-583-572-0



9 789895 835720